

**FALA E ESCRITA:
REFLEXÕES ACERCA DO MODELO
DA “LINGUAGEM DA IMEDIATEZ”
E DA “LINGUAGEM DA DISTÂNCIA”,
DE KOCH E ÖESTERREICHER**

Denise Durante (USP)
denisedurante@uol.com.br

RESUMO

A pesquisa enfoca o modelo teórico desenvolvido por Peter Koch e Wulf Öesterreicher (1985; 1990) sobre as chamadas “linguagens da imediatez e da distância comunicativas”. São abordados os parâmetros comunicativos do contínuo concepcional descritos pelos autores. Busca-se, ademais, cotejar essa teoria com as obras de outros estudiosos que consideraram a existência de um contínuo entre a fala e a escrita, como Luiz Antônio Marcuschi (2004), Hudinilson Urbano (2006). O trabalho se inclui no âmbito da pesquisa teórica básica e qualitativa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e explicativo. Para a fundamentação teórica, são retomados conceitos e pressupostos da análise da conversação, visto que vários de seus estudos enfocam as relações entre a oralidade e a escrita.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Contínuo.

1. Introdução

No âmbito da linguística do discurso, os estudos da análise da conversação vêm desenvolvendo a investigação sobre as características da atividade conversacional. Em nosso país, como se sabe, as pesquisas realizadas pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta) descrevem e analisam os processos de produção e recepção de textos falados. Aspectos de sua construção, como as possibilidades de planejamento do texto, as estratégias para formulação e reformulação textual (como auto e heterocorreções, pausas, hesitações, alongamentos, truncamentos frásicos), a cortesia verbal, os marcadores conversacionais, o envolvimento emocional entre os interactantes, entre outros, vêm sendo estudados em diversos *corpora*.

Além de permitirem a compreensão sobre a chamada “língua falada”, esses estudos oferecem suporte teórico para se refletir sobre as semelhanças e diferenças que existem entre as modalidades falada e escrita da língua. Podem-se observar e analisar, por exemplo, textos escritos que incorporam características específicas da oralidade ou as chamadas

“marcas de oralidade”, como é o caso de certos textos literários, de textos publicitários e jornalísticos impressos ou de mídias digitais, de histórias em quadrinhos, charges, entre outros. Além disso, o surgimento de variadas formas para veiculação de mensagens (como *e-mail*, redes sociais, *chats* e “mensagens de texto”, por exemplo) ampliou o interesse pelo estudo das semelhanças e diferenças entre fala e escrita.

Diante da relevância teórica assumida pelas relações entre fala e escrita, buscamos, nesta pesquisa, abordar a hipótese da existência de um *continuum* ou contínuo entre os textos falados e escritos. Focamos nossa reflexão nos estudos de Peter Koch e Wulf Österreicher. Esses autores desenvolveram o modelo teórico das chamadas linguagens da “imediatez e distância comunicativas”, no qual se propõe a ideia de um contínuo entre os textos de concepção falada e escrita.

O trabalho se inclui no âmbito da pesquisa teórica básica, ancorada em pesquisa bibliográfica. Para a fundamentação teórica, são utilizados alguns dos conceitos e pressupostos da análise da conversação, visto que diversos de seus estudos enfocam as relações entre a fala e a escrita. Sendo assim, são retomados os trabalhos de Luiz Antonio Marcuschi (2004) e Hudinilson Urbano (2006). Ocupamo-nos, em particular, com a obra *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, publicada em 1990 e traduzida, em 2007, para a língua espanhola por López Serena, com o título *Lengua Hablada en la Romania: Español, Francés, Italiano*. Nesse livro, Peter Koch e Österreicher expuseram o referido modelo teórico da “imediatez e da distância comunicativas”.

2. Estudos da escrita e da fala

O panorama de estudos sistemáticos sobre os mecanismos de funcionamento da linguagem falada, os quais permitem sua comparação com a escrita, é, como se sabe, muito recente. Na história dos estudos da linguagem, a escrita se manteve, por muito tempo, como objeto exclusivo de análise. O prestígio da escrita foi um dos temas abordados por Ferdinand de Saussure. No sexto capítulo do *Curso de Linguística Geral*, intitulado “Prestígio da escrita: causas de seu predomínio sobre a forma falada”, lê-se:

Ora, geralmente, nós as conhecemos [*as línguas*] somente através da escrita. Mesmo no caso de nossa língua materna, o documento intervém a todo instante. Quando se trata de um idioma falado a alguma distância, ainda mais

necessário se torna recorrer ao testemunho escrito; [...]. Para poder dispor, em todos os casos, de documentos diretos, seria mister que se tivesse feito, em todas as épocas, aquilo que se faz atualmente em Viena e Paris: uma coleção de amostras fonográficas de todas as línguas. (SAUSSURE, 1969, p. 33)

Apontam-se, no *Curso de Linguística Geral*, os aspectos de permanência e solidez da imagem gráfica das palavras como uma das causas do prestígio da escrita sobre a fala. Ademais, a importância dada à linguagem literária aumentaria a “imerecida” importância da escrita, na perspectiva de Ferdinand de Saussure. Nesse sentido, cabe lembrar também as reflexões de Mikhail Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, que, ao teorizar sobre o conceito de gênero discursivo, aponta para a prevalência dos estudos sobre os gêneros literários:

[...] a heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios. A isto provavelmente se deve o fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. Estudavam-se – e mais que tudo – os gêneros literários. Mas da Antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte de sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles (no âmbito da literatura) e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos mas têm com estes uma natureza *verbal* (linguística) comum [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 262-263)

O prestígio da escrita em relação à fala se mantém, atualmente, como tema de debate nos estudos da linguagem. A predominância dos estudos sobre a escrita é apontada por Peter Koch e Wulf Österreicher. Os autores explicam:

Isso ocorria tanto por motivos relacionados às teorias linguísticas (fixação da norma segundo um ideal linguístico literário, indiferente e independentemente da evolução histórica da respectiva língua) quanto por motivos metodológicos (volubilidade das expressões orais). (KOCH & ÖESTERREICHER, 2013, p. 164)

Uma das consequências do predomínio do estudo da escrita sobre a fala corresponde às dificuldades relacionadas à conceituação e à terminologia para o estudo desses dois modos de realização da língua, tradicionalmente denominados “língua falada” e “língua escrita”. No artigo “Usos da Linguagem Verbal” (2006, p. 19-55), Hudinilson Urbano aborda a problemática da utilização generalizada, porém, imprecisa, das denominações “língua falada” e “língua escrita” e apresenta conceitos de linguagem verbal, de língua e, por conseguinte, de escrita. Com base na teoria saussuriana, Hudinilson Urbano recorda que a linguagem verbal corresponderia à soma da língua (*langue*) e do discurso (*parole*), sendo que a fala teria possibilitado a descrição da língua, “sistema abstrato de

signos” ou, segundo Dino Preti, “sistema de signos convencionais”. (PRETI 1977, p. 1)

A escrita, entendida como “sistema gráfico comunicativo”, seria um produto da fala, tendo surgido milênios mais tarde. Considerando-se a escrita como produto da fala, conclui-se que a escrita está intrinsecamente vinculada ao universo sonoro que, segundo Walter Jackson Ong, é o “habitat natural da língua” (ONG, 1998, p. 15). Nesse sentido, ao refletir sobre a importância da transmissão de mensagens verbais pelos mais diversos canais, Dino Preti (1977, p. 1) descreve a escrita como “código substitutivo” da fala. Todo enunciado escrito está, portanto, vinculado à fala: “O conteúdo da escrita é a fala”, afirmava o teórico das comunicações Marshall McLuhan (1995, p. 22).

Apesar de ser um produto da fala, a escrita não constitui mero decalque ou simples transcrição daquela; afinal, nossa habilidade de escrever não corresponde apenas à capacidade de reproduzirmos signos gráficos sobre um suporte material. Nesse sentido, são esclarecedoras as palavras dos italianos Domenico Parisi e Cristiano Castelfranchi que, na década de 1970, expunham sua perspectiva sobre o tema das relações entre fala e escrita:

La lingua scritta si basa certamente su un sistema di trascrizione della lingua parlata e questo è inevitabile dato che la lingua parlata come capacità viene acquisita prima della lingua scritta ma limitarsi a considerare questo rapporto e quindi la semplice differenza nel mezzo fisico usato significa ignorare la natura effettiva della lingua scritta e, soprattutto, come vedremo più avanti, della stessa lingua parlata. In realtà la maniera giusta di considerare lingua parlata e lingua scritta è di vederle come due diversi modi di comunicare in senso globale, cioè come due diversi modi di vita individuale e sociale.⁷¹ (PARISI & CASTELFRANCHI, 1977, p. 170)

Domenico Parisi e Cristiano Castelfranchi se referiam a duas possíveis abordagens sobre as relações entre a fala e a escrita. A primeira abordagem consiste em considerar que as diferenças entre fala e escrita se restringem à diferença em relação ao meio físico para veiculação das mensagens, entendendo-se a escrita como uma transcrição da fala, sem

⁷¹ Tradução nossa: “A língua escrita se baseia certamente em um sistema de transcrição da língua falada e isso é inevitável, na medida em que a língua falada, como capacidade, é adquirida antes da língua escrita, mas limitar-se a considerar essa relação e, portanto, a simples diferença do meio físico usado, significa ignorar a natureza efetiva da língua escrita e, sobretudo, como veremos adiante, da língua falada. Na verdade, a maneira correta de considerar língua falada e língua escrita é vê-las como dois diferentes modos de comunicar em sentido global, isto é, como dois diferentes modos de vida individual e social”.

levar em conta as características específicas do falar e do escrever. O segundo modo de abordar a fala e a escrita considera a questão da concepção de ambas as modalidades e os mecanismos cognitivos e sociais a elas relacionados.

Essa abordagem de Domenico Parisi e Cristiano Castelfranchi está próxima àquela que seria apresentada, na década seguinte, por Peter Koch e Wulf Österreicher. Esses autores desenvolveram o modelo teórico da “imediatez e distância comunicativas”, em que tratam do meio e da concepção dos textos falados e escritos. Em 2013, Hudinilson Urbano e Caldas traduziram para a língua portuguesa um artigo publicado originalmente por Peter Koch e Wulf Österreicher, em 1985. O título do artigo em alemão é “*Sprache der Nähe – Sprache der distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte*”. Na tradução em português, o artigo se intitulou “*Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua*” (KOCH & ÖESTERREICHER, 2013, p. 153-174). Nesse artigo, os autores alemães iniciaram o desenvolvimento da teoria da “imediatez e distância comunicativas”.

Vale lembrar também que o referido modelo teórico foi tema da obra *Proximidade e Distância: Estudos sobre a Língua e a Cultura* (2011), coordenada pelos pesquisadores portugueses Mário Franco e Bernd Sieberg. Na “Introdução do livro”, explica-se:

Substituindo a dicotomia “escrito *versus* falado” pela dicotomia ‘proximidade *versus* distância’, este modelo permite descrever também adequadamente, muito em especial, os processos de mudança linguística em consequência dos quais determinadas formas linguísticas dominam cada vez mais nos novos *media*, formas essas que seriam melhor caracterizadas como expressões de um novo tipo de oralidade. (FRANCO & SIEBERG, 2011, p. 7-8)

Ao estudarem as chamadas “linguagens da imediatez e da distância”, Peter Koch e Wulf Österreicher consideram a existência de um *continuum* concepcional entre os textos falados e escritos. Nesse aspecto, cabe observar que, conforme relata Rudy Mostacero (2004), outros pesquisadores europeus haviam considerado a ocorrência de um *continuum* nas relações entre oralidade e escrita, conforme indica no trecho a seguir:

En síntesis, este autor [Österreicher] nos proporciona la evidencia de que algunos investigadores europeos ya se habían interesado por las relaciones entre lo oral y lo escrito, habían advertido la existencia del continuum y los casos de transferencia, por ejemplo, Nencioni, en 1976, Ochs, en 1979, Tannen, en 1980, Koch y Chafe, en 1985, Biber, en 1988 (todos citados por Öesterreicher, 1998: 318 y ss.). Eso indica que los estudios de la oralidad

versus la escrituralidad no son tan recientes en Europa, aunque sus noticias se hayan conocido, tardíamente, en lengua española. Y en España los aportes más descollantes se deben al grupo VaLesCo de la Universidad de Valencia que dirige Antonio Briz (cf. BRIZ, 1995, 1997 y 1998).⁷² (MOSTACERO, 2004, p. 72)

Evidencia-se, portanto, a relevância das reflexões acerca da existência de um *continuum* ao se caracterizar textos falados e escritos, visto que essa tem sido a temática de diversos estudos teóricos nas últimas décadas. A questão do meio e da concepção textual, abordada por Peter Koch e Wulf Österreicher, também se apresenta como tema de reflexão teórica fundamental para a conceituação de expressões como “língua falada” e “língua escrita”. A imprecisão conceitual e terminológica em relação a essas expressões pode decorrer, em parte, do mencionado prestígio da escrita sobre a fala, de modo que se evidencia a importância da reflexão sobre esses conceitos.

3. O modelo teórico da linguagem da imediatez e da distância comunicativas

Os limites entre a oralidade e a escrita foram abordados pelos estudiosos alemães Peter Koch e Wulf Österreicher (1985; 1990), como dissemos inicialmente. Os autores reiteram que, mesmo na ciência linguística, os termos “falado”/“oral” e “escrito”/“escritural” são empregados, primeiramente, para se fazer referência à realização das expressões linguísticas na forma de sons ou na forma de signos gráficos, ou seja, no que concerne ao meio ou suporte para a veiculação das mensagens. Conforme salientam os estudiosos, essa diferenciação é evidente, porém não é suficiente para explicar a complexidade da problemática oralidade/escrituralidade. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 20)

Peter Koch e Wulf Österreicher observam que todos podemos perceber a existência de textos como orações fúnebres, explicações du-

⁷² Tradução nossa: “Em síntese, este autor [Österreicher] nos proporciona a evidência de que alguns pesquisadores europeus já haviam se interessado pelas relações entre o oral e o escrito, haviam percebido a existência do *continuum* e os casos de transferência, por exemplo, Nencioni, em 1976, Ochs, em 1979, Tannen, em 1980, Peter Koch e Chafe, em 1985, Biber, em 1988 (todos citados por Wulf Österreicher, 1998: 318 e seguintes). Isso indica que os estudos da oralidade *versus* a escrituralidade não são tão recentes na Europa, ainda que suas contribuições mais relevantes tenham sido conhecidas tardiamente, na língua espanhola. E na Espanha as contribuições mais importantes se devem ao grupo VaLesCo, da Universidade de Valência, dirigido por Antonio Briz (cf. Briz 1995, 1997 e 1998).

rante uma visita turística guiada ou um discurso de abertura, cuja “configuração linguística” não corresponde exatamente ao que entendemos por oralidade. Existem igualmente expressões linguísticas como notas ou apontamentos de aulas, textos de balões de histórias em quadrinhos ou cartas pessoais cuja configuração também não corresponde exatamente ao que se entende por “escrituralidade”.

No capítulo “Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje”, do livro *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*, Peter Koch e Wulf Österreicher apresentam os fundamentos de sua interpretação sobre os limites entre a oralidade e a chamada “escrituralidade”. Os autores informam que o romanista Ludwig Söll (1985, p. 17-25), na obra *Gesprochenes und geschriebenes Französisch*, publicada originalmente em 1974, na Alemanha, havia solucionado as contradições existentes entre os termos “fala” e “escrita”. Ludwig Söll distingue o meio de realização, que pode ser fônico ou gráfico, e a concepção que pode ser falada ou escrita.

No que concerne ao meio, Peter Koch e Wulf Österreicher consideram haver uma dicotomia estrita que separa os códigos sonoro e gráfico:

Un punto importantísimo, que necessita ser aclarado em relación con la figura 1, es el hecho de que la línea divisoria continua entre el medio fónico y gráfico representa una disyunción, es decir, una DICOTOMIA estrita. La línea divisoria discontinua indica, por el contrario, que la relación entre lo hablado y lo escrito sólo puede ser concebida como un CONTINUO entre las manifestaciones extremas de la concepción. (KOCH & ÖSTERREICHER, 2007, p. 21)⁷³

A ideia de que, entre o falado e o escrito, existe uma dicotomia estrita no âmbito do meio e de que há um contínuo no âmbito da concepção (falada ou escrita), é um aspecto basilar em que se ancora a teoria dos autores. Tendo em vista esse esquema, Peter Koch e Wulf Österreicher explicam não ser possível a “plena equivalência” das possibilidades proporcionadas pela combinação o meio (sonoro ou gráfico) e a concepção (falada ou escrita) das mensagens,

⁷³ Tradução nossa do trecho citado: “Um ponto importantíssimo, que precisa ser esclarecido em relação à figura 1, é o fato de que a linha divisória contínua entre o meio fônico e gráfico representa uma disjunção, ou seja, uma *dicotomia* estrita. A linha divisória descontínua indica, pelo contrário, que a relação entre o *falado* e o *escrito* só pode ser concebida como um *contínuo* entre as manifestações extremas da concepção”. (KOCH & ÖSTERREICHER, 2007, p. 21)

Os autores apontam as “relações de preferência” que se verificam, respectivamente, entre falado e sonoro, de um lado, como ocorre, por exemplo, em uma conversa íntima, assim como a combinação entre escrito e gráfico, como se dá, por exemplo, em um artigo de jornal. Mas, existem também as combinações entre escrito e sonoro, como se pode observar em um discurso de abertura, e entre falado e gráfico, como se pode verificar, segundo eles, em uma carta pessoal. Essas últimas duas combinações talvez sejam aquelas menos evidentes quando se diferenciam textos falados e escritos. Um discurso de abertura, ainda que veiculado pelo meio sonoro, apresenta características da concepção textual escrita, assim como uma carta privada, veiculada pelo meio gráfico, pode apresentar aspectos da concepção dos textos falados. Sendo assim, a consideração exclusiva do meio para a caracterização dos textos como falados ou escritos se mostra, como nos leva a concluir a reflexão de Peter Koch e Wulf Österreicher, limitada e imprecisa.

Após a diferenciação inicial entre os aspectos medial e concepcional da oralidade e da chamada “escrituralidade”, ainda no segundo capítulo de *Lengua Hablada en la Romania: Español, Francés, Italiano*, Peter Koch e Wulf Österreicher retomam a definição de Coseriu sobre a linguagem humana e se dedicam à caracterização dos aspectos universais e idiomáticos da língua falada, nos níveis universal, histórico e individual.

Os teóricos indicam os aspectos universais da oralidade e da “escrituralidade” considerados exclusivamente no plano da concepção. Eles elencam os fatores fundamentais da comunicação linguística: há o contato entre um emissor e um receptor; desse contato, nasce um discurso que se refere a objetos e circunstâncias da realidade extralinguística; o discurso é produzido com um trabalho de formulação que se situa, nos termos dos autores, em uma “zona de tensão” entre a linearidade dos signos linguísticos, as normas da língua histórica particular e a complexa realidade extralinguística multidimensional; os participantes da comunicação, emissor e receptor, estão inseridos em campos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, em determinados contextos, bem como em determinadas condições emocionais e sociais (KOCH & ÖSTERREICHER, 2007, p. 25). Ao identificar esses fatores, os autores apontam as possibilidades de variação de cada um deles, variação essa que produz uma escala de condições de comunicação em que se baseia o contínuo concepcional entre a oralidade e a “escrituralidade”. Devemos observar que, ao se referirem a um contínuo entre oralidade e “escrituralidade”, Peter Koch e Wulf Öes-

terreicher sempre consideram o aspecto concepcional das manifestações linguísticas e não o aspecto do meio ou medial.

Considerando-se os fatores da comunicação linguística mencionados, são elencados dez parâmetros ou condições extralinguísticas universais, para a caracterização das realizações linguísticas no contínuo concepcional falado/escrito:

- a) Grau de *privacidade* ou o caráter mais ou menos público da comunicação;
- b) Grau de *familiaridade* ou intimidade entre os interlocutores;
- c) Grau de *envolvimento emocional* em relação ao interlocutor ou ao objeto da comunicação;
- d) Grau de *entrelaçamento* ou “*ancoragem*” dos atos comunicativos em relação à situação ou à ação;
- e) *Campo referencial*, relacionado à distância dos objetos e pessoas referidas com relação a *origo*⁷⁴ (*ego-hic-nunc*) do falante;
- f) *Imediatez* ou *distância física dos interlocutores*, nos sentidos espacial e temporal;
- g) Grau de *cooperação*, considerado de acordo com as possibilidades de intervenção dos receptores na produção do discurso;
- h) Grau de *dialogicidade*, em que se destacam a possibilidade e a frequência para se assumir o papel de emissor;
- i) Grau de *espontaneidade* da comunicação;
- j) Grau de *fixação temática*.

Nove desses dez parâmetros são de natureza gradual e escalar. O parâmetro F é o único que não é gradual, pois se refere à imediatez ou distância física da comunicação. Os autores explicam que todas as formas de comunicação se caracterizam por um conjunto de valores paramétricos dessas condições comunicativas concretas. O parâmetro *a*, por

⁷⁴ O termo latino *origo* (“origem”) é utilizado por Peter Koch e Wulf Öesterreicher na obra *Lengua hablada en la Romania* (2007). O termo se refere às dêixis pessoal, espacial e temporal. Conforme explica Suadoni (2016, p. 27), o termo *origo* foi introduzido na linguística por Bühler, na obra *Sprachtheorie: die Darstellungsfunktion der Sprache* (1934) e, conforme comenta a autora, se pode resumir com a fórmula *ego, hic, nunc*.

exemplo, situa-se em uma escala entre a máxima privacidade e o aspecto totalmente público da comunicação. No texto *Pragmatica del discurso oral* (1997), ao retomar esses mesmos parâmetros, Wulf Öesterreicher afirma que o grau de privacidade de um discurso se define pelo número de interlocutores (como em um diálogo entre duas pessoas *versus* uma comunicação de massa), bem como pela existência ou não de um público e suas dimensões (como no caso de uma mesa-redonda *versus* um discurso na televisão). A mesma variação se atribui ao parâmetro *b*, havendo, portanto, uma gradação que vai desde a familiaridade máxima entre os interlocutores até seu desconhecimento total.

Deve-se ter em vista que a ideia de uma gradação que se estabelece em um contínuo não se relaciona somente com a classificação linear das realizações linguísticas em uma linha delimitada por dois polos opostos entre a fala e a escrita. A caracterização dos textos proposta por Peter Koch e Wulf Öesterreicher envolve a ideia de que nove dos dez parâmetros se manifestam em uma escala gradual.

Por meio da consideração dos valores paramétricos, podem-se identificar dois polos nas extremidades do contínuo falado/escrito. No polo da máxima imediatez comunicativa (falado), combinam-se os seguintes valores paramétricos: privacidade, familiaridade, forte envolvimento emocional, ancoragem à situação e ação comunicativas, referência com relação a *origo* (*ego-hic-nunc*) do falante, imediatez física, máxima cooperação na produção, alto grau de dialogicidade, liberdade temática e espontaneidade máxima. Já no polo da máxima distância comunicativa (escrito), tem-se: o caráter público da comunicação, o desconhecimento entre os interlocutores, falta de envolvimento emocional, destacamento em relação à situação e à ação comunicativas, impossibilidade de dêixis referida a *origo* (*ego-hic-nunc*) do falante, distância física, ausência de cooperação na produção, monologicidade, fixação temática e máxima reflexividade. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 29)

Após apontarem os parâmetros universais que incidem sobre a imediatez e a distância comunicativas, Peter Koch e Wulf Öesterreicher (2007, p. 31) discutem as estratégias de verbalização universais utilizadas pelos falantes. Para descreverem essas estratégias, os autores consideram preliminarmente quatro “classes de contextos” em que se ancoram os discursos. Trata-se de: 1) contexto situacional; 2) contexto cognitivo que se subdivide em (a) contexto cognitivo individual e (b) contexto cognitivo geral; 3) contexto comunicativo linguístico ou cotexto; 4) outros contextos comunicativos como (a) contexto paralinguístico e (b) contexto

comunicativo não-linguístico. Das quatro classes de contextos, os estudiosos sublinham que 1, 2 e 4 são analógicos ou contínuos, enquanto 3 é digital, ou seja, constituído por “unidades discretas claramente identificáveis”, nos termos dos autores.

Peter Koch e Wulf Öesterreicher (2007, p. 32) explicam que, na comunicação imediata extrema, ocorrem os quatro tipos de contextos acima mencionados. Já na comunicação distante, há restrições no que concerne ao contexto situacional (1) e aos contextos paralinguístico ou extralinguístico (4a e 4b, respectivamente). O contexto cognitivo individual, relacionado aos conhecimentos partilhados entre os interlocutores, suas vivências comuns e conhecimento mútuo, também é restringido quando há desconhecimento total entre os indivíduos que participam da comunicação. Diante das restrições relacionadas ao contexto na comunicação da distância extrema ocorre a ampliação do papel do contexto linguístico (3), de modo que a informação contextual se transforma em contexto, diferentemente do que ocorre na imediatez comunicativa extrema, em que o contexto linguístico fica em segundo plano. Os autores ressaltam que o contexto cognitivo geral é imprescindível em qualquer forma de comunicação.

Sobre as características da concepção das mensagens da imediatez e da distância comunicativas, os autores apontam que o grau de planejamento dos discursos é alto na distância comunicativa e escasso na linguagem da imediatez. Como consequência desse aspecto, a linguagem da imediatez se caracteriza pelo caráter efêmero e a construção processual. Essa linguagem é marcada por uma “verbalização parca” e uma “configuração do discurso frequentemente extensiva, linear e agregativa”, com a ocorrência de enunciados incompletos e uso da parataxe, por exemplo. Trata-se de uma linguagem com menor densidade informativa em comparação com a linguagem da distância. Esta se caracteriza, segundo os autores, pela alta densidade e rápida progressão informativas.

4. O contínuo tipológico dos gêneros textuais em Marcuschi e Urbano

No livro *Da Fala para a Escrita* (2004), Luiz Antonio Marcuschi se opõe à supremacia comumente atribuída à escrita em relação à fala e defende uma visão não-dicotômica entre essas duas modalidades, propondo, assim como Peter Koch e Wulf Öesterreicher, uma diferenciação “gradual e escalar” entre elas. Para o autor, o exame das diferenças e se-

melhanças entre fala e escrita foi, durante muito tempo, equivocado visto que essas modalidades de uso da língua eram geralmente colocadas em polos opostos, sendo encaradas como dicotômicas, e a sua análise era permeada por um enfoque preconceituoso, que privilegiava a escrita em detrimento da fala, considerando-se a escrita como complexa, elaborada, formal e abstrata em sua estrutura, enquanto a fala era descrita como concreta, contextual e simples.

Para Luiz Antonio Marcuschi, no entanto, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (2004, p. 37). Assim como consideram Peter Koch e Wulf Österreicher (2007), Luiz Antonio Marcuschi afirma que não há uma simples variação linear, mas um “conjunto de variações”. Para explicitar essa hipótese, Luiz Antonio Marcuschi desenha um gráfico com base nas reflexões de Peter Koch e Wulf Österreicher:

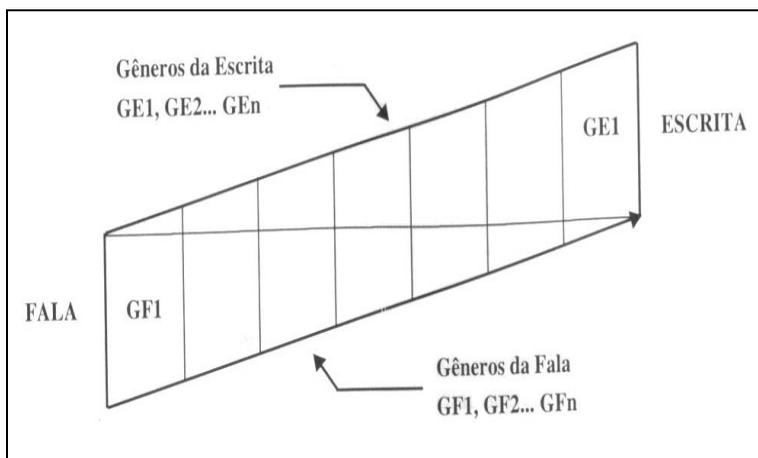


Figura 1. O contínuo tipológico dos gêneros textuais

Nesse gráfico, há dois domínios linguísticos (fala e escrita) em suas extremidades, na linha dos gêneros da fala, temos o GF1 (em que GF corresponde a “gênero falado”), o qual constituiria um protótipo da modalidade falada e que pode corresponder a uma conversação espontânea, por exemplo. Na outra extremidade do gráfico, na linha dos gêneros da escrita, temos o GE1 (sendo que GE equivale a “gênero escrito”), correspondente a artigos científicos ou a documentos oficiais, por exemplo, os quais constituiriam protótipos da modalidade escrita. Entre essas duas

extremidades se situam os demais gêneros textuais da fala e da escrita (GF2, GF3, GF4 etc. e GE2, GE3, GE4 etc.) que, segundo Marcuschi, “se entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos” (2004, p. 38), como ocorre com os textos do noticiário televisivo, previamente escritos e recebidos pelo telespectador oralmente. Conclui-se que fala e escrita se manifestam em um *continuum* de variações. Não há, desse modo, um só gênero falado ou um só gênero escrito. Entre a fala prototípica e a escrita prototípica existe um conjunto de variações, sendo que fala e escrita podem influenciar-se mutuamente.

As observações de Luiz Antonio Marcuschi se alinham àquelas expressas por Peter Koch e Wulf Öesterreicher (2007). O gráfico elaborado por Luiz Antonio Marcuschi se assemelha ao gráfico apresentado pelos dois autores alemães, como vemos abaixo:

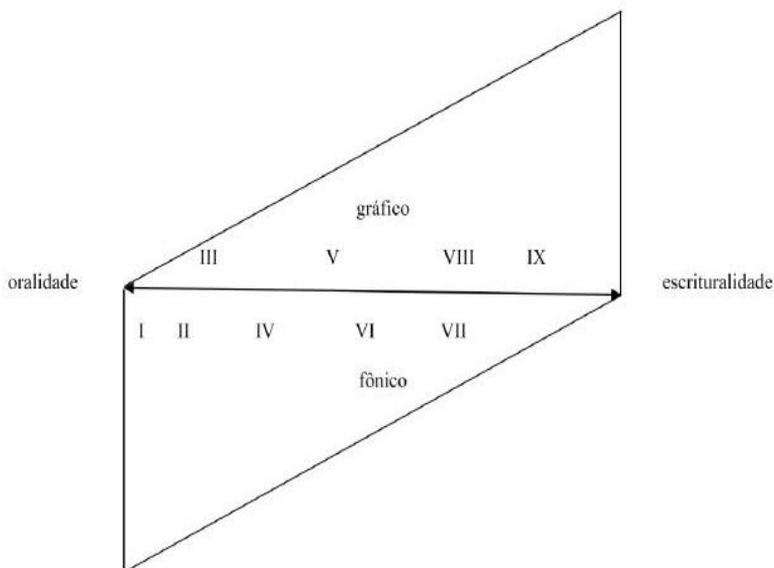


Figura 2. Contínuo entre imediatez e distância comunicativas (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 34)

Na figura acima, vê-se uma linha horizontal contínua entre a imediatez e a distância comunicativas. Os algarismos romanos correspondem, segundo os autores (2007, p. 35), às seguintes formas de comunicação: I. conversa o familiar; II. conversa o telef nica privada; III. carta privada; IV. entrevista de emprego; V. versão impressa de uma entrevista;

ta; VI. sermão; VII. conferência científica; VIII. artigo editorial; IX. texto jurídico.

Luiz Antonio Marcuschi apresenta um segundo gráfico, estruturado a partir dos postulados meio de produção (sonoro *versus* gráfico) e concepção discursiva (oral *versus* escrita), conforme vemos abaixo:

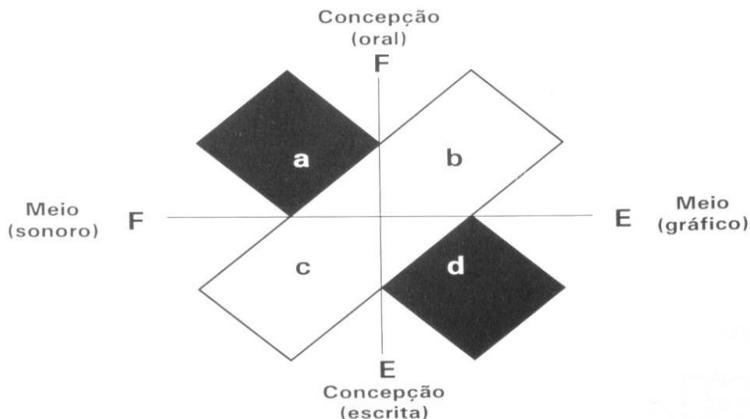


Figura 3. Meio de produção e concepção discursiva (MARCUSCHI, 2004, p. 39)

A fala prototípica, segundo essa perspectiva, é de concepção oral e meio sonoro (por exemplo, a conversação espontânea). A escrita prototípica é de concepção escrita e meio gráfico (por exemplo, um artigo científico). Porém, há domínios mistos, conforme já citado, em que se mesclam as modalidades: meio sonoro e concepção escrita (notícia de TV) ou meio gráfico e concepção oral (entrevista publicada na revista *Veja*, por exemplo). Os domínios mistos apontados por Luiz Antonio Marcuschi remetem imediatamente à questão inicial apontada por Peter Koch e Wulf Öesterreicher ao diferenciarem o meio e a concepção textual:

Naturalmente, con este esquema cuatripartito (fig. 1) no se postula en absoluto la plena equivalencia de las cuatro posibilidades que ofrece la combinación la medio y concepción. Obviamente, son indiscutibles las afinidades, es decir, las relaciones de preferencia, que se dan, respectivamente, entre hablado y fónico, por una parte (por ej., una conversación confidencial), así como entre escrito y gráfico (por ej., un artículo periodístico), por otra. No obstante, existen asimismo, como es evidente, las combinaciones escrito + fónico (por ej., un pregón de fiestas) y hablado + gráfico (por ej., una carta privada). De hecho, el principio imperante es que todas las formas de expresión, con independencia de su concepción, pueden ser transferidas desde su realización medial típica al otro medio. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007,

Destarte as muitas semelhanças expressas pela visão de Luiz Antonio Marcuschi em relação à Peter Koch e Wulf Österreicher, observa-se que o autor brasileiro não se utiliza dos termos “imediatez” ou “distância” comunicativas, ideia em que se baseia a teoria dos autores alemães. Ademais, Peter Koch e Wulf Österreicher enfatizam a ideia de que o conteúdo diz respeito exclusivamente ao âmbito da concepção dos textos, excluindo, portanto, o meio de produção textual no que concerne à concepção.

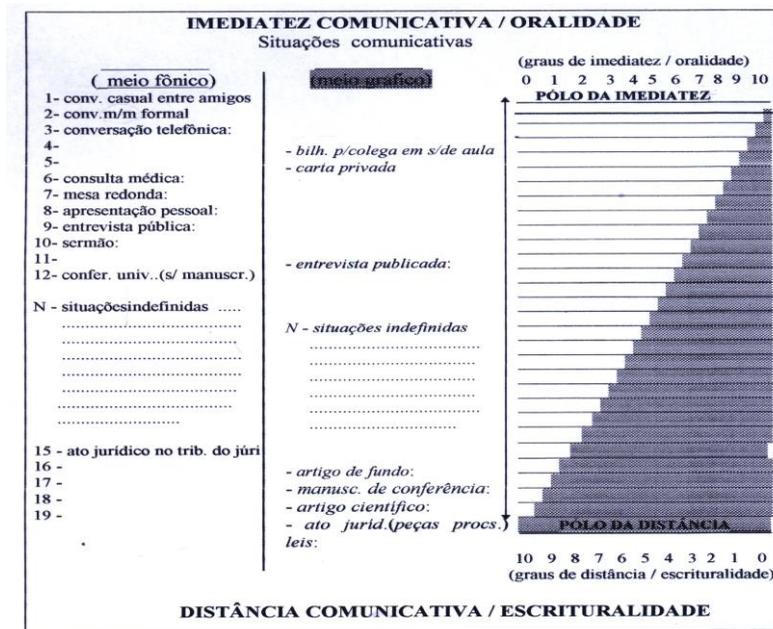


Figura 5. Imediatez e distância comunicativas (URBANO, 2006, p. 32)

⁷⁵ Tradução nossa: “Naturalmente, com este esquema quadripartido (fig. 1) não se postula em absoluto a plena equivalência das quatro possibilidades que oferece a combinação meio e concepção. Obviamente, são indiscutíveis as afinidades, ou seja, as relações de preferência que se dão, respectivamente, entre *falado* e *fônico*, de um lado (por ex., uma conversação privada) assim como entre *escrito* e *gráfico* (por ex., um artigo de jornal), de outro lado. Não obstante, existem, assim mesmo, como é evidente, as combinações *escrito + fônico* (por ex., um discurso de abertura) e *falado + gráfico* (por ex., uma carta privada). Sendo assim, o princípio imperante é que todas as formas de expressão independentemente de sua concepção, podem ser *transferidas* desde sua realização medial típica ao outro meio. (KOCH & ÖESTERREICHER, 1990, p. 21)

Hudinilson Urbano (2006, p. 32), também com base nos estudos de Peter Koch e Wulf Österreicher (1985), elabora um esquema, como vemos na ilustração acima, em que procura adaptar e complementar o contínuo dos gêneros textuais.

O gráfico, apresentado pelo autor, mostra duas colunas relacionadas ao meio (fônico e gráfico) e uma terceira coluna relativa à concepção. Esta última coluna está subdividida em dois triângulos em que se inserem os campos da oralidade, no polo da imediatez comunicativa, e da escrita, no polo da distância comunicativa. Hudinilson Urbano denomina os polos referentes à fala e à escrita prototípicas como polo da “imediatez comunicativa ou oralidade” e polo da “distância comunicativa ou escrituralidade”. Nos polos prototípicos, temos a conversação casual entre amigos e o ato jurídico. Hudinilson Urbano insere, no campo do meio fônico, uma sequência de dezenove situações comunicativas (excluindo destas os textos literários). Cada uma dessas situações comunicativas localiza-se em um determinado grau da escala convencional. O autor explica:

Os 10 graus das escalas da imediatez ou da distância, que correspondem respectivamente ao campo linear superior totalmente branco ou ao campo linear inferior totalmente cinza, significam que as situações comunicativas 1 e 19 preenchem, teoricamente, todas as condições de produção e recepção, capazes de determinar, em princípio, as estratégias de formulação e os traços ou marcas de verbalização caracterizadores, respectivamente, da situação da imediatez ou da situação da distância. (URBANO, 2006, p. 33)

Hudinilson Urbano considera que o meio constitui uma condição significativa dos polos da distância e da imediatez comunicativas, porém não um elemento decisivo para classificarmos um texto como oral ou escrito, se considerarmos o aspecto da concepção. Segundo essa perspectiva, embasada pela teoria dos citados estudiosos alemães, a interação realizada pelo meio escrito caracteriza-se por ser “não face a face” e a interação que ocorre pelo meio fônico corresponde a uma interação “face a face”. Porém, nos dois casos, verificam-se variações graduais: há nítidas diferenças entre uma conversação face a face entre amigos e a interação face a face que se desenvolve em uma conferência, por exemplo. Ambas se distinguem em relação ao envolvimento entre os interlocutores, ao *feedback*, aos gestos e à entonação, entre outros aspectos.

Hudinilson Urbano interpreta o conceito de imediatez empregado por Peter Koch e Wulf Österreicher como referente “à comunicação imediata no tempo e no espaço”, enquanto a distância “compreende a comunicação cuja recepção é independente do momento e do lugar de sua produção” (2006, p. 36). Com a descrição dos textos falados e escri-

tos prototípicos, considerando os polos da imediatez e da distância, bem como as condições mediais e concepcionais de produção da fala e da escrita, Hudinilson Urbano apresenta o seguinte conceito de língua falada prototípica:

A “língua falada prototípica”, a língua falada propriamente dita, seria então uma atividade social verbal de produção de texto. É exercida oralmente, graças a um sistema de sons articuláveis, no tempo real, em contextos naturais de produção, incluídos outros elementos de natureza corporal, que preenchem em teoria, “todas as condições linguístico-textual-discursivas” concebidas para um texto falado. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter fônico, e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as “estratégias de formulação” e imprimir as “marcas de verbalização” ideais de um texto essencialmente falado. (URBANO, 2006, p. 42)

E a língua escrita prototípica pode ser entendida como:

Por outro lado, a “língua escrita prototípica”, a língua escrita propriamente dita, seria uma atividade social verbal de produção de texto. É executada graficamente, graças, basicamente, a um sistema de letras articuláveis, chamado alfabeto, complementado por sinais de pontuação, de acentuação, numéricos etc., que preenchem, em teoria, “todas as condições linguístico-textual-discursivas” concebidas para um texto escrito. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter gráfico e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as “estratégias de formulação” e imprimir as “marcas de verbalização” ideais de um texto essencialmente escrito. (URBANO, 2006, p. 42)

Deve-se mencionar que Hudinilson Urbano utiliza as expressões “imediatez e distância comunicativas”, enquanto Luiz Antonio Marcuschi (2004) emprega os vocábulos “fala” e “escrita”, diferenciando-se, nesse aspecto, do modelo de Peter Koch e Wulf Öesterreicher.

5. *Considerações finais*

Buscou-se refletir, neste artigo, sobre algumas das ideias desenvolvidas por Peter Koch e Wulf Öesterreicher no segundo capítulo do livro *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano* (1990). Objetivou-se igualmente cotejar o modelo teórico da “imediatez e distância comunicativas” com as reflexões propostas por Luiz Antonio Marcuschi (2004) e Hudinilson Urbano (2006) sobre o contínuo dos textos falados e escritos.

As ideias, por ora sumarizadas e iniciais, podem propiciar o desenvolvimento de reflexões acerca dos conceitos de língua falada e língua escrita. Esses conceitos se tornam relevantes no panorama atual das

pesquisas sobre a linguagem verbal, de modo que a fala, assim como a escrita, passa a ser considerada como objeto de estudo essencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FRANCO, Mário; SIEBERG, Bernd. (Coords.). *Proximidade e distância: estudos sobre a língua e a cultura*. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

_____. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch*, vol. 36, p. 15-43, 1985.

KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Trad.: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. *Revista Linha D'Água*, vol. 26, n. 1, p. 153-174, 2013.

_____. *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*. Trad.: Araceli López-Serena. Madri: Gredos, 2007.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

MOSTACERO, Rudy. Oralidad, escritura y escrituralidad. *Enunciación*, Bogotá, vol. 16, n. 2, p. 100-119, 2011.

ONG, Walter Jackson. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

ÖESTERREICHER, Wulf. Pragmática del discurso oral. In: BERG, Walter Bruno; SCHÄFFAEUR, Markus Klaus. (Eds.). *Oralidad y Argentinidad*. Estudios sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina. ScriptOralia 98. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 1997.

PARISI, Domenico; CASTELFRANCHI, Cristiano. Scritto e parlato. *Studi di Grammatica Italiana* 6. Firenze: Accademia della Crusca, 1977, p. 169-190.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala; um estudo sociolinguístico* do diálogo na literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SIEBERG, Bernd. O modelo da ‘fala de proximidade e de distância’ e sua aplicação à língua portuguesa. In: FRANCO, Mário; SIEBERG, Bernd. (Coord.). *Proximidade e distância: estudos sobre a língua e a cultura*. Lisboa: Universidade Católica, 2011, p. 33-50.

SUADONI, Anna. *Verbos de movimiento, deixis y proyección metafórica. El caso de andare y venire en contraste con ir y venir*. 2016. Tese (de doutorado em linguística). Universidad de Granada, Granada. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10481/39788>>. Acesso em: 01-08-2016.

URBANO, Hudinilson. A perspectiva do sonoro na oralidade e escrituralidade. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros. (Orgs.). *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 173-208.

_____. Usos da linguagem verbal. In: PRETI, Dino. (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 19-55.